

*In limine**

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO**

Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras

Senhor Vice-Presidente do Conselho Científico

Senhora Directora do Instituto de Estudos Clássicos

Prezados Colegas

Caros Estudantes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Cumpre-se, mais uma vez, um ritual a que alguns de nós já se vão habituando: os estudiosos das línguas clássicas voltam a reunir-se, desta vez em Coimbra, para ouvir algumas comunicações, mas também, e sobretudo, para trocar impressões sobre o ensino do Latim e do Grego.

Mais uma vez também quisemos manter em presença duas vertentes que apresentam evidentes interdependências: o ensino e a investigação. Assim, tentámos privilegiar três campos distintos, mas profundamente relacionados entre si: a didáctica das línguas clássicas, através de comunicações dos docentes desta disciplina em todas as universidades do nosso país; os autores dos programas do ensino

* Alocução inaugural.

** Presidente da Comissão Organizadora

In limine

secundário, com o convite a especialistas na matéria, e ainda a partilha de experiências no campo prático do ensino secundário.

Foi ainda nossa intenção reservar um tempo significativo para a troca de ideias entre todos os participantes e, nesse sentido, haverá, no final de cada sessão de trabalho, um espaço destinado a perguntas e respostas e, além disso, também não será de desprezar a oportunidade de conversas informais que, certamente, irão ser feitas ao longo destes dois dias.

As novas tecnologias disponíveis para o serviço do ensino também nos não deixaram indiferentes e se, no anterior colóquio, privilegiámos os computadores, agora atribuímos um lugar importante ao vídeo e às múltiplas utilizações que este auxiliar pode ter nas aulas de Latim e de Grego.

Estamos aqui mais de trezentas pessoas, vindas de todos os pontos do país, do Minho ao Algarve, do litoral ao interior, sem esquecer as regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

Ora, uma afluência tão numerosa e tão variada de pessoas obriga-nos a uma reflexão mais cuidada sobre o papel do professor de Latim e de Grego.

De facto, os tempos não estão fáceis para quem quiser trabalhar honestamente na área que, por uma razão ou por outra, escolheu. A definição do 8º Grupo A continua por fazer e a ele vão parar, qual "posta restante", todos os licenciados em Línguas e Literaturas que se não enquadram em nenhum dos outros grupos do ensino secundário. O resultado todos o conhecemos: escolas com o quadro preenchido e sem ninguém habilitado para dar Latim e Grego. Por isso, foi sem qualquer surpresa que este ano vi três escolas da zona centro a solicitarem à Faculdade de Letras a abertura de núcleos de estágios de clássicas, com duas a pedirem também o orientador, porque é esta a única maneira de terem, desde o início do ano, professores habilitados para ensinar Latim.

In limine

Não posso, no entanto, por uma questão de justiça, deixar de salientar o bom trabalho que alguns colegas não licenciados em clássicas têm desempenhado, quando se vêem obrigados a ensinar Latim.

A legislação que rege as matrículas no ensino secundário também nos não facilita a vida. De facto, ao deixar como opcionais o Latim e o Grego, que, por diversos motivos, têm a fama de disciplinas difíceis, leva muitos alunos a afastarem-se destas disciplinas e a chegarem ao ensino superior, nomeadamente aos cursos de Línguas e Literaturas, sem nunca as terem estudado.

Continuo a pensar que há alturas ideais para iniciar a aprendizagem das línguas clássicas e a melhor altura não é, certamente, no primeiro ano do ensino superior, embora, como é óbvio, esse facto não seja um obstáculo intransponível.

Dificuldade também é uma aparente facilidade de aprendizagem que se tem vindo a instalar cada vez mais no sistema de ensino. Todos nos vamos queixando da falta de bases dos alunos, mas o que é certo é que também nós — e por mim falo — vamos facilitando a aprendizagem e, sobretudo, a passagem desses mesmos alunos.

É tempo de decidirmos o que queremos: agradar aos alunos ou ensinar? ou então escolhermos uma terceira via: ensinar com o agrado dos alunos. Sempre pensei — e continuo a manter essa opinião — que esta terceira via é possível, mas também sei que ela exige de mim como professor um esforço muito maior que, às vezes, não estou disposto a fazer.

Esperemos que os ensinamentos que aqui iremos receber e a troca de experiências com os colegas que teremos oportunidade de fazer nos ajudem a todos a aprofundar a nossa situação de professores, sem nos esquecermos que a razão de ser da nossa profissão foi, é e será sempre o aluno.

Como é óbvio, a realização deste colóquio não seria possível sem a colaboração preciosa de muitas entidades. Permitam-me, pois,

que, de forma sucinta, expresse os agradecimentos da comissão organizadora.

Concederam-nos subsídios a Secretaria de Estado do Ensino Superior, a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e a Reitoria da Universidade de Coimbra.

Deram-nos o seu apoio o Museu Machado de Castro, a Paróquia da Sé Velha, o Banco Pinto & Sotto Maior e, na sua já habitual colaboração, a Livraria Minerva. A todos os nossos agradecimentos.

Um apoio especial foi concedido pelo Instituto de Estudos Clássicos, a quem agradeço na pessoa da sua Directora, Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, e pela Faculdade de Letras, que nos concedeu inúmeras facilidades e a quem expresse os meus públicos agradecimentos, na pessoa do Senhor Presidente do Conselho Directivo, Prof. Doutor João Lourenço Roque.

Impossível também seria este colóquio sem a colaboração de todos aqueles que aceitaram, às vezes com grande sacrifício, apresentar comunicação. São eles os verdadeiros autores deste colóquio; são as suas palavras que vão guiar as nossas discussões, mesmo quando discordarmos dos pontos de vista que vão expressar. São eles, pois, os maiores credores da nossa gratidão.

Injustiça seria não mencionar os estudantes que, com o seu trabalho, nos ajudaram na preparação do colóquio e no secretariado: António José Rodrigues Leal, Nuno Filipe Sequeira Figueiró e Dina Helena Mendes Silva.

Uma palavra pessoal de agradecimento aos outros membros da comissão organizadora. Sem o seu trabalho, sem as suas sugestões e ideias, sem as suas críticas, não teria sido possível conceber e pôr de pé este colóquio. É justo que mencione o nome de todos: Dr.^a Maria Teresa Freire, Dr.^a Júlia Maria Alves da Silva, Dr.^a Zélia de Sampaio Ventura e Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca. Permitam-me, nesta hora dolorosa para todos nós, que lembre de modo especial o Dr. Louro Fonseca, e que recorde, para além da sua veia artística, que deu origem

In limine

ao nosso cartaz e inspirou o sarau musical, a solicitude do professor, a disponibilidade do colega e, acima de tudo, a amizade de tantas horas boas e más. Embora a amizade não se agradeça, não posso deixar de dizer: muito obrigado, Dr. Louro.

Resta-me desejar a todos um trabalho profícuo e agradecer sensibilizado uma adesão tão significativa à nossa proposta de trabalho.

Muito obrigado.